

## Apresentação

A psicanálise se ensina na instituição psicanalítica. É nesta que o analista aprende a escutar o que lê de significativo em cada caso clínico, que se defronta com o impossível do aprendizado todo, da transmissão sem percalços, e se autoriza a responder com a invenção diante de cada obstáculo. É nesta que, ao garantir as atividades de formação desenvolvidas, encontra a garantia de sua própria formação, a mesma que se articula por referência à palavra dos fundadores e se apóia em uma transferência que — não se dando *in effigie* — constitui-se como o motor do trabalho a ser sustentado.

A psicanálise também se ensina nas universidades. Nelas, há uma tarefa a ser desempenhada de forma fiel, precisa e escrupulosa: tornar público o conhecimento psicanalítico. A universidade é o lugar instrumentado para realizá-la; é de sua vocação e de sua competência, como ocorre com tantos outros conteúdos de tantas outras disciplinas, o encargo de veicular as obras de Freud, Lacan e alguns outros para aqueles que por elas se interessam.

Nas universidades, no entanto, a psicanálise, em razão das características do discurso nelas predominante, depara-se com coordenadas em que se localizam algumas dificuldades precisas. De conseqüências mais sérias, sem dúvida, está a que diz respeito ao lugar de comando ocupado pelo saber no contexto universitário. É desse lugar que surge a inequívoca promessa de, em um movimento progressivo inesgotável, tudo situar sob a sua égide, e de tudo se apropriar. Ponto de avesso da psicanálise, que, ao contrário, reconhece sempre algo de irredutível ao saber.

Ora, o analista (ou analisante) que também ensina nas universidades, embora não fale *qua* analista e não possa ocupar nelas o lugar de analista, nem mesmo da forma pontual e contingente que lhe é dado ocupar, não deixa de ser responsável pelo que da psicanálise comparece ou se

vela em cada laço no qual ela é tomada. Seu ensino, portanto, não se dá sem a marca do saber que veicula. Um saber do inconsciente, saber fragmentário, que não se totaliza e que, por não poder ser todo dito, decepciona; decepciona sobretudo pela falta de sentido que encontra. Para o psicanalista, trata-se de, na mansão mesma do saber, garantir o enigma do dito que não se completa, sendo precisamente essa a impossível incumbência que lhe cabe ao ensinar nas universidades.

Os artigos deste livro giram em torno dessas questões. Respondem todos às dificuldades com que se confronta aquele que, no lugar de estudantes que trabalham para saber, não pode deixar de visar a um sujeito ao desejo e, portanto, dirigir-se à sua divisão. Ao tomar problemas mais gerais que dizem respeito às concepções de ensino que se difundem atualmente, ao questionar as implicações do ensino universitário para a operação com a psicanálise ou ao examinar as implicações éticas, as incidências do estilo e a função da transferência, as contribuições se incluem na linha de questionamento aberta por Freud em “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?” (1919), cujos desdobramentos persistem com ainda mais vigor hoje no Brasil.

\*\*\*

Cada um dos trabalhos foi revisado uma ou mais vezes por colegas a quem gostaria de agradecer vivamente. Em algumas dessas revisões, esses consultores se sentaram com os autores para discutir seus pontos de vista e propor modificações, como ocorreu com o meu escrito. Em outras, a autoria das críticas e sugestões permaneceu desconhecida daqueles que as receberam. Esperamos que tenham aperfeiçoado os enunciados e tido efeitos sobre a enunciação presente na forma final dos textos. Participaram desse trabalho Ana Maria Rudge (SPID/PUC-Rio), Edson Luis André de Sousa (APPOA/UFRGS), Francisco Leonel Fernandes (Tempo Freudiano/UUFF), Juan Carlos Cosentino (UBsAs), Luciano Elia (LAEP/UERJ) e Maria Cristina Kupfer (USP).

*Anna Carolina Lo Bianco*